

# Artigo original

## COTIDIANO E TRABALHO FEMININO EM SAÚDE: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO<sup>1</sup>

Verônica Simone Dutra Veras<sup>2</sup>  
Soraya Maria de Medeiros<sup>3</sup>  
Laiane Medeiros Ribeiro<sup>4</sup>

---

### RESUMO

O trabalhador do serviço público vem perdendo seu poder aquisitivo mediante as políticas de ajuste fiscal. As saídas encontradas no setor da saúde vêm sendo o ingresso em outros empregos. Este trabalho tem por objetivo analisar a condição de vida e trabalho de profissionais de enfermagem que adotaram o aumento da jornada de trabalho como saída para a superação das condições econômicas, sob a perspectiva do gênero feminino. A metodologia empregada foi a pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Na análise, constatou-se que a redução do tempo livre produz nas trabalhadoras angústia devido à diminuição da convivência familiar assim como o lazer, autocuidado e cultura.

**Palavras-chave:** Trabalho feminino. Enfermagem. Assistência de enfermagem.

---

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como propósito abordar as interferências do aumento da jornada de trabalho no cotidiano das trabalhadoras da enfermagem do serviço público, decorrente do multiemprego e do cumprimento de múltiplas escalas de plantão. O aumento da jornada de trabalho através do multiemprego ou de horas extras vem sendo a solução encontrada por alguns trabalhadores, mesmo sendo uma saída sacrificante e que traz prejuízos para a vida pessoal e coletiva (VERAS, 2003).

Segundo Medeiros *et al.* (2006) embora se constate a existência do multiemprego em todos os níveis assistenciais do setor saúde, especificamente na enfermagem, é importante ressaltar os efeitos de acumulação das escalas de serviço e o conseqüente aumento da jornada de trabalho. Esses fatores somam-se às características tensiógenas dos serviços hospitalares, tanto pela natureza do cuidado prestado às pessoas em situação de risco como pela divisão social do trabalho e hierarquia presentes no serviço de saúde.

Os motivos que nos levaram a abordar essa temática é a nossa própria condição de

---

<sup>1</sup> Pesquisa de iniciação científica vinculada à dissertação de mestrado intitulada: "Aumento da Jornada de Trabalho: qual a repercussão na vida dos trabalhadores de enfermagem?"

<sup>2</sup> Enfermeira e Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: veronica-veras@ig.com.br

<sup>3</sup> Enfermeira. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem pela UFRN e orientadora da pesquisa. E-mail: sorayamaria@digl.com.br

<sup>4</sup> Enfermeira. Mestranda em enfermagem pela UFRN, bolsista CNPq e ex-bolsista PIBIC. E-mail: lainharibeiro@yahoo.com.br. Av. João Ferreira de Melo s/n Quadra 9, Bloco I, apt 102. Capim Macio Natal/RN. Tel: (84) 91298933.

ser mulher e por conviver, mesmo como estudante da situação de precarização salarial e das condições de trabalho e de vida, principalmente das profissionais de saúde.

Todas as formas adotadas para a complementação da renda pelos trabalhadores, mediante a falta de perspectiva de valorização salarial, resultam no aumento da jornada de trabalho. Ao ingressar no serviço público, os servidores assumem uma jornada de trabalho de 40 horas semanais ou 144 horas mensais, mas com o multiemprego e escalas extras, a sublocação e a substituição, as horas semanais efetivamente trabalhadas podem chegar a 80, 120 ou mais (VERAS, 2003).

A escolha em estudar o campo da enfermagem vem da sua expressão quantitativa no conjunto dos trabalhadores em saúde, pela condição de profissão de maior risco à saúde dentro do setor e de ser composta majoritariamente por mulheres que histórica e culturalmente acumulam também, na sua maioria, a jornada de trabalho doméstico não-remunerado.

## OBJETIVO GERAL

Analisar a condição de trabalho e de vida de profissionais de enfermagem que adotaram o aumento da jornada de trabalho como saída para a superação das condições econômicas, sob a perspectiva do gênero feminino.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa estudou as trabalhadoras de enfermagem em um hospital público de Natal/RN, no ano de 2003, entre elas, enfermeiras, auxiliares e técnicas de enfermagem. A escolha desse grupo específico, e não a totalidade dos trabalhadores do hospital deu-se pelo significativo contingente no setor da saúde e pelas peculiaridades do processo de trabalho da enfermagem e, por outro lado, por questões de objetivação de tempo e oportunidade de efetivação da pesquisa. A coleta de informações se deu através de entrevista com perguntas abertas, com roteiro semi-estruturado, gravada com consentimento

das profissionais em estudo.

Antes da gravação foi realizado um contato prévio com as participantes explicando os objetivos da pesquisa e garantindo o sigilo e anonimato das informações. Todo processo da pesquisa foi precedido pelo consentimento, emitido em parecer, do Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O total de entrevistados foi de dez enfermeiras, onze técnicas de enfermagem e quatro gestores. Para preservação do anonimato foi designado o grupo de acordo com a função que exercem no trabalho: O grupo E para enfermeiros; grupo AT para auxiliares e técnicos em enfermagem e grupo G para gestores; e uma numeração de acordo com a ordem das entrevistas. Após a realização da entrevista, as falas foram agrupadas por convergências e divergências das informações.

A análise das informações foi realizada com base em elementos do método dialético. É através do materialismo dialético que se pode compreender na realidade estudada o desenvolvimento das forças produtivas; das relações sociais; a divisão social do trabalho; entre outras especificações que definem o modo de vida das pessoas. Esse modo de vida é definido pelo modo de produção (MINAYO, 1992).

Entendendo que o aumento da jornada de trabalho é um fenômeno determinado por relações econômicas e de classe, optou-se pela utilização do materialismo histórico dialético como forma de guiar a compreensão do estudo.

## RESULTADOS

Oliveira (2003) acrescenta que o dia resiste, insiste nas suas vinte e quatro horas, e é nelas que as mulheres, acelerando os ritmos, vêm tentando comprimir família e profissão. Exaustas, vêm clamando pela divisão de tarefas, fonte inesgotável de tensões e mal-estar nos casais, imprensados em curtos momentos de vida íntima. A vida íntima que não é só feita de tarefas, mas também de prazeres e de oportunidades de convívio. Mas na saúde, especialmente, as profissionais de enfermagem, não estão tendo tempo com a família e nem momentos de lazer, como podemos observar na fala de

E5 e E10, respectivamente:

“Praticamente eu não tenho mais vida pessoal [...] eu não tenho tempo de ir a um cinema, a um teatro, fazer amizades ou participar de uma entidade de classe [...]. Participar de algum movimento [...] É como se eu não tivesse contato com o mundo externo [...]. Uma alienação quase que completa [...] às vezes eu vejo o jornal [...] uma coisa ou outra, uma coisa fragmentada [...] nada assim, do dia-a-dia, não tenho elaboração do dia-a-dia, do que está acontecendo por falta de leitura, tempo, contato com o mundo, discussão [...]”.

“No mês de julho, o único dia que tive de folga [...] vai ser o próximo sábado[...] não tenho tempo pra cuidar de mim, dentista, um exame, ler uma revista [...] eu vou tirar horários e vou ficando [...] você não ter lazer é horrível! Muitas vezes passo seis meses sem ir ao centro da cidade, sem entrar numa loja. De casa pro trabalho... do trabalho pra casa. Às vezes eu tô aqui dentro, vejo na janela o sol e queria estar lá fora, mas nem dá. Aí eu fico só olhando o sol lá da janela... querendo ir ao shopping, passear, andar [...] passo tanto tempo sem ir que quando vou, acho estranho [...]”.

Antunes (2003) quando fala em produção de sentido do trabalho refere que é necessário resgatar o trabalho em saúde para satisfação dos usuários, e onde o trabalhador seja respeitado na sua integralidade, tanto do ponto de vista da remuneração e valorização profissional, como pela jornada de trabalho compatível com o seu pleno desenvolvimento, permitindo o gozo do tempo livre.

A entrevistada E6 relata sobre o sentimento de acumular múltiplas funções:

“[...] é muito difícil ser enfermeira, você conciliar casa, marido, filho, o seu dia-a-dia, você se esquece de você e cuida só do paciente [...] do enfermo e da família, filho, marido, parente, e você não tem tempo de ir pra um dentista, [...] pra uma academia [...] no médico [...]”.

Heller (2000) relata a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação são parte orgânica da vida cotidiana. Mas é difícil

uma organização pessoal justamente pela jornada de trabalho, que afasta a mulher do seu lar; sem contar que esse ritmo de trabalho acarreta estresse, irritação, muitas vezes causando transtorno dentro do próprio lar.

A angústia vivenciada pelos entrevistados é retratada por E4, que traz na sua fala uma preocupação em relação à falta de tempo com os filhos:

“Às vezes quando eu não tenho aula à tarde, aí é [...] eu chego em casa eu vou só dormir, quando eu não tenho [...] quando eu terminei de checar tudo em casa, que está tudo ok, aí eu vou dormir; eu não tenho tempo de conversar com minha filha que é adolescente, os problemas dela da adolescência. Ela fica só, trancadinha, dentro do quarto dela, ouvindo, escutando o sonzinho ou então no celular com as amigas, porque a mãe dela está muita cansada e vai dormir”.

A entrevista de T12 também relata a questão da educação e disciplina com os filhos:

“[...] eu tenho um filho que morreu e esse filho foi consequência também da minha jornada de trabalho, eu não tinha como olhar meus filhos [...] acredito que a jornada de trabalho atrapalha a educação dos nossos filhos. Impreterivelmente invade a nossa privacidade [...]. Na realidade eu não tive tempo de dar um conhecimento maior da vida do meu filho lá fora [...] eu não tive tempo foi de ver o outro lado, o lado do outro educador dele que foi o mundo [...]”.

A fala de E4 ainda retrata o conflito entre o ser e ter na sociedade atual. Na qual as mulheres muitas vezes se submetem ao multiemprego na tentativa de oferecer o melhor para os filhos.

“[...] Outro dia eu cheguei em casa e falei assim:

‘- Ô, nem dá um abraço em mainha?’

‘- Ah,mãe, eu já to acostumada com você fora [...]’

Aí faz a gente refletir, até que ponto [...] você trabalha tanto para ter qualidade de vida? Que qualidade de vida é essa, só as coisas materiais? E a parte sentimental, e a parte de relacionamento e o ser? O ser da minha filha, o ser da minha família,

o ser do meu marido, o meu ser está se transformando e eu só quero ter, ter, ter, ter [...] mas de repente seu eu não puder também trabalhar, seu eu não trabalhar isso, eu não posso pagar um plano de saúde, aí se eu não pagar eu vou vir pro corredor do hospital".

Retomando o conflito entre o "ser" e o "ter" vivenciado pelos entrevistados, considera-se que a saída passa pela alienação que mascara o que realmente é necessidade básica e necessidade gerada pela sociedade capitalista, assim como quais são os valores e atitudes diários que se quer manter e fortalecer como vivência e qualidade de vida (VERAS, 2003).

O aumento da jornada de trabalho acarreta para as mulheres sentimentos de culpa, depressão, cansaço físico e emocional, prejudicando até a vida a dois, a educação dos filhos, o lazer com a família. A pesquisa ainda indica como risco o tamanho e a composição do grupo familiar, uma vez que é a mulher que freqüentemente assume tarefas de cuidado e educação dos filhos, bem como o cuidado com doentes crônicos e idosos da família. A falta de recursos para a realização de serviços domésticos, como equipamentos, máquinas, e a falta de serviços externos de apoio ao cuidado e à educação dos filhos, também são fatores de risco para a saúde das enfermeiras.

## CONCLUSÃO

A jornada de trabalho aumentada acarreta, aos profissionais de enfermagem, principalmente às mulheres, redução do bem-estar e a existência de mal-estares inespecíficos: efeitos psicológicos expressos através de depressão e irritabilidade; efeitos corporais, como cansaço físico, dores de cabeça e insônia; efeitos laborais expressos por insatisfação no trabalho ou desempenho insuficiente; efeitos familiares ligados ao funcionamento das relações familiares, interferindo particularmente no relacionamento afetivo com seus companheiros. Sem falar que essa própria jornada acarreta prejuízos no crescimento profissional, não podendo se atualizar, fazer cursos, participar de fóruns, congressos, enfim, traz toda uma mudança na vida pessoal e profissional dessas mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MEDEIROS, S. M. *et al.* Condições de trabalho e enfermagem: a transversalidade do sofrimento no cotidiano. **Revista Eletrônica de Enfermagem**,

---

### DAILY AND FEMININE WORK IN HEALTH: A GENDER PERSPECTIVE

#### ABSTRACT

The worker of the public service is losing your acquisitive power by means of the politics of fiscal settlement. The ways out that were found in the health sector is being the increasing in other jobs. This work has the object analyze the life condition and work of the workers of nursing that adopted an increasing workday in daily life to the overcome of the economic condition, about a gender feminine perspective. The methodology used was a qualitative survey in the exploration kind. The analysis of informations was made the reduction of free time makes in the workers ahguish because of the familiarity decreasement jus as leisure, care and culture.

**Keywords:** Women working. Nursing. Nursing care.

---

v. 08, n. 02, p. 233-240, 2006. Disponível em:  
<[http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_2/v8n2a08.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_2/v8n2a08.htm)>.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

OLIVEIRA, R. D. **Reengenharia do tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VERAS, V. S. D. **Aumento da jornada de trabalho:** qual a repercussão na vida dos trabalhadores da enfermagem? Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Enfermagem. Natal [RN], 2003. 88p.

